

curo e vazio. A única janela que dá para a escuridão exterior. Depois, nada mais. Não. Infelizmente, não. Restam ainda os ténues lampejos de luz, e a agitação. A busca cega e indefinida da mente. Incessante.

EM NENHUM lugar específico, na escala de A a Z. Ou digamos, pela verosimilhança, na Estrada de Ballyogan. A velha e agradável estrada secundária. Em algum lugar da Estrada de Ballyogan, em vez de em nenhum lugar específico. Onde não há mais tráfego. Em algum lugar da estrada de Ballyogan, na escala de A a Z. Cabeça baixa, somando os totais, à beira do canal. Contrafortes à esquerda. Crocker's Acre à frente. A sombra do pai à direita, um pouco recuada. Tantas vezes já, a volta ao mundo. O sobretudo, outrora verde, duro de velhice e de sujeira, do queixo aos tornozelos. Chapéu informe, de feltro, outrora redondo e botas

de cano alto, ainda resistentes. Nenhuma outra peça de vestuário à mostra. Fora, desde o raiar do dia, e a noite já vai caindo. Feitas as contas prosseguem juntos, partindo do nada novamente. Como se rumando para o Afastamento. Quando, de repente transpões a cerca e desapareces, claudicando para leste, do outro lado dos espinhos.

PARA QUÊ, por quê, ou? Por que em outra escuridão ou na mesma? E de quem é a voz perguntando isso? Quem pergunta, De quem é a voz perguntando isso? E responde, De quem quer que seja que cria tudo. Na mesma escuridão em que está sua criatura, ou em outra. Pela companhia. Quem pergunta no fim, Quem pergunta? E quem, no fim, responde como acima? E, muito depois, acrescenta para si mesmo, A não ser que haja mais outro. Que não se sabe onde procurar. E menos do que